



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SYLVIO DA MATTA BEHRING

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-501

Entrevistado: Sylvio da Matta Behring

Nascimento: 31/03/1962

Local da entrevista: Escola Jiu-jitsu no Bairro Petrópolis, Porto Alegre-RS

Entrevistador: Alexandre Luz Alves e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 05/12/2014

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Alexandre Luz Alves

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 23 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; condições da escola de origem; competições entre academias no Rio de Janeiro; competições em Porto Alegre; institucionalização do Jiu-jitsu; mulheres no Jiu-jitsu; metodologia do Jiu-jitsu progressivo; ministrar aulas para as forças de segurança e armadas; preparação dos lutadores de MMA; rede de academias; surf e Jiu-jitsu.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2014. Entrevista com Sylvio da Matta Behring a cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves e Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Como foi a sua inserção no esporte e se o Jiu-jitsu foi a sua primeira modalidade?

S.B. – Comecei na verdade na natação, um pouco mais novo, mas aos quatro anos o meu pai me levou, já me levava desde pequeno para o tatame. Mas aos quatro anos me iniciou mesmo no esporte, na turma de crianças, na academia do Mestre João Alberto Barreto¹. Então foi meu pai que foi um grande mestre, o Mestre Flávio Behring² que me iniciou no esporte aos quatro anos de idade nas mãos do grande Mestre João Alberto Barreto. Acho que até já respondo as primeiras duas perguntas de quem influenciou a minha prática no Jiu-jitsu³.

A.A. – Que data mais ou menos foi isso?

S.B. – Em 1966 na academia Aja em Copacabana.

A.A. – Como era a escola aonde o senhor iniciou a sua prática de Jiu-jitsu? Como era a situação? As condições dessa escola?

S.B. – o Mestre João Alberto sempre foi um cara á frente de seu tempo, a referência que havia de escola era a Escola Gracie no centro da cidade que era uma escola que tinha um projeto bem avançado, super higiênico, bem montado. O Mestre Alberto montou a academia dele nos mesmos moldes, com muito capricho e realmente era uma academia diferenciada. Ele por ser um psicólogo, depois tornou-se um psicólogo esportivo dava um atenção diferenciada para os seus alunos da academia, oferecendo um ambiente, não só positivo para a prática do esporte mas também bem higiênico.

A.A. – Existia algum tipo de competição entre essas duas escolas nessa época?

¹ João Alberto Barreto, faixa vermelha em Jiu-jitsu (9º grau).

² Flávio Behring, faixa vermelha em Jiu-jitsu (9º grau).

S.B. – Existia competição entre várias escolas, já havia competição de Jiu-jitsu. Já iniciava, a Federação de Jiu-jitsu do Rio de Janeiro iniciou os trabalhos na organização de eventos, poucos campeonatos por ano. Mas havia disputa entre as academias do Rio de Janeiro.

A.A. – Você teve apoio ou auxílio de algum clube ou instituição nesse período?

S.B. – Não, nesse período não. Nesse período o Jiu-jitsu era uma prática só realmente em poucas academias, na maioria delas concentradas no Rio de Janeiro, havia no Brasil inteiro academias de Jiu-jitsu, mas o Rio de Janeiro era o grande centro, onde estavam os maiores nomes do esporte.

A.A. – Poderia citar alguns deles?

S.B. – Sim, a família Gracie⁴, os irmãos Carlos⁵ e Hélio⁶ com seus filhos. A família Barreto, com o Mestre João Alberto, o Mestre Álvaro⁷, o Mestre Sérgio Barreto⁸, meu pai o Flávio Behring, Álvaro Mansur⁹. Já em Brasília estava o Armando Wriedt¹⁰, em São Paulo Pedro Hemetério¹¹. Basicamente isso.

A.A. – Você sabe como era a situação do Jiu-jitsu no Rio Grande do Sul quando você começou? E se ela se modificou no decorrer do tempo?

S.B. – Quando eu comecei em 1966 eu não tenho ideia exata do que estava acontecendo aqui. Eu sei que já havia Jiu-jitsu na década de 1930, o Jiu-jitsu veio para cá com um dos irmãos Gracie, o George Gracie¹² e no decorrer desse tempo houve outros professores que vieram com seus familiares daqui, com origem daqui. Então, traziam oportunamente um

³ Arte marcial desenvolvida pela Família Gracie.

⁴ Família responsável pela criação do Brazilian Jiu-jitsu.

⁵ Criador do estilo Brazilian Jiu-jitsu.

⁶ Responsável pela criação e divulgação do Brazilian Jiu-jitsu.

⁷ Álvaro Barreto, faixa vermelha em Jiu-jitsu (9º grau).

⁸ Sérgio Barreto, faixa vermelha em Jiu-jitsu,

⁹ Álvaro Mansor, faixa preta em Jiu-jitsu (6º grau).

¹⁰ Armando Wriedt, faixa vermelha em Jiu-jitsu (9º grau).

¹¹ Pedro Hemetério, primeiro não pertencente a Família Gracie a receber a faixa vermelha.

¹² George Gracie, difusor do estilo Brazilian Jiu-jitsu.

treino de Jiu-jitsu, um dos primeiros que eu veio treinar Jiu-jitsu mesmo aqui, foi um aluno meu o Vinicius Campelo¹³, faixa preta, quinto grau, sexto grau que veio fazer... Era piloto da VARIG¹⁴, a VARIG era baseada aqui no Rio Grande do Sul e nesse período que ele ficou estudando aqui ele foi treinar judô, SOGIPA¹⁵ e fez muita gente treinar Jiu-jitsu com ele. Depois eu soube do Ricardo Murgel¹⁶ que estava aqui no Rio Grande do Sul, sua família também é daqui. O Julio Secco¹⁷ lá em Jaguarão¹⁸, o Zé Mario Sperry¹⁹ com o Walter Mattos²⁰ vieram para cá no Rio Grande do Sul. Eu vim para cá em 1996 e aqui eu fiz um trabalho. Era um trabalho das competições de mais alto nível que tinha entre faixas azuis, havia pouquíssimas faixas roxas, mas a maioria é faixa azul ainda, eram muito iniciantes. Nós fizemos um trabalho bem legal, as disputas sempre foram muito acirradas, o Rio Grande do Sul sempre foi um celeiro de talentos, excelentes resultados em eventos internacionais. A equipe que eu tive aqui foi fortíssima, aqui nós tivemos a chance de formar o Marcio Corleta²¹, o Mário Reis²², o Fabrício Werdum²³ e o Alexandre Fortis²⁴ com todo o seu exército hoje está com uma equipe imensa. Ontem nós formamos três novos faixas pretas, só essa semana foram quatro. Então a fabrica está aberta, a fabrica de talentos e de pessoas ligadas ao esporte diretamente dando aula que nós formamos agora.

A.A. – Onde aconteciam essas competições nessa data que o senhor mencionou em 1996?

S.B. – Era no Tesourinha,²⁵ né? Era mais no Tesourinha, no CETE²⁶ também.

A.A. – Comente o processo de institucionalização da prática do Jiu-jitsu sob a sua perspectiva no Rio de Janeiro e se o senhor tem conhecimento desse mesmo processo aqui no Rio Grande do Sul:

¹³ Vinicius Campelo, faixa preta em Jiu-jitsu.

¹⁴ Extinta companhia aérea do Rio Grande do Sul.

¹⁵ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

¹⁶ Ricardo Paranhos Murgel, mestre em Jiu-jitsu faixa preta coral (8º grau)

¹⁷ Júlio Secco, faixa vermelha de Jiu-jitsu (9º grau).

¹⁸ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

¹⁹ José Mario Sperry, faixa preta em Jiu-jitsu.

²⁰ Walter Mattos, fundador da Academia Sul Jiu-jitsu em Porto Alegre.

²¹ Márcio Corleta, faixa preta em Jiu-jitsu (4º grau)

²² Mário Reis, bi campeão mundial em Jiu-jitsu.

²³ Fabrício Werdum, lutador brasileiro de MMA campeão interino peso pesado do UFC.

²⁴ Alexandre de Souza Fortis, professor faixa preta em Jiu-jitsu (3º grau).

²⁵ Ginásio Osmar Fortes Barcellos, Porto Alegre-RS

²⁶ Centro Estadual de Treinamento Esportivo, Porto Alegre-RS

S.B. – A prática desportiva do Jiu-jitsu no Rio de Janeiro foi através da família Gracie. Iniciou a sua primeira academia em sua própria casa, em seu apartamento e depois dali aumentou, foi para o centro da cidade com uma academia modelo, já tinha professores para dar aula. Então eles montaram um trabalho individualizado de alto nível chegava a ter oitocentos alunos nessa academia, mas a iniciação do Jiu-jitsu no Rio de Janeiro foi através da família Gracie. Em outros estados, alguns que migraram desse time formado por eles abriram frente, mas havia também outras famílias, fora a família Gracie que vieram da mesma origem do Conde Koma²⁷, lá de Belém do Pará o Mestre Fadda²⁸ e outros mais que se espalharam pelo Brasil e fizeram talvez com não tanto sucesso como a família Gracie conseguiu, mas também excelente trabalho na divulgação do esporte.

A.A. – Há indícios que o judô e o Jiu-jitsu durante um período se confundiam enquanto prática, você tem alguma informação que contribua para essa questão?

S.B. – A questão é polêmica por que na verdade qualquer pratica de esporte de luta, quando envolve situações reais... Vamos dizer, existe um enfrentamento físico, confrontação de alguma forma, o fato do envolvido estar praticando uma arte marcial torna essa situação bem mais complexa por que existe uma desigualdade. Eu acredito que a pratica esportiva ela bem orientada só leva ao individuo se tornar um cidadão melhor, sendo uma referencia de segurança para aqueles que estão em volta dele. Mas existe lógico uma formação de qualquer individuo sob um momento de questionamento, sob um momento de amadurecimento e o orgulho e a... Vamos dizer assim, a vontade de lutar, a vontade de se provar ela acompanha também o indivíduo nessa formação e pode ser que ela seja mais forte que a emoção e passe a ser... Acontecer situações de desigualdade de briga de rua e por ai que eu vejo dessa forma essa polêmica, mas não posso generalizar, existe na maioria das academias um processo educacional acontecendo junto com o processo esportivo, filosófico onde se preserva os princípios éticos e morais da prática da arte marcial pela consciência de sua desigualdade na troca, no confronto físico de uma pessoa que não pratica arte marcial. Mas tem sempre aqueles que tem a mentalidade um pouco mais perturbada, infelizmente eu convivo com essa realidade.

²⁷ Mitsuyo Maeda, judoca japonês naturalizado brasileiro.

C.M. – No início, na década de 1960, nas academias, nos lugares aonde vocês praticavam tinha a presença do judô e do Jiu-jitsu ou era só Jiu-jitsu?

A.A. – O judô e o Jiu-jitsu, pelo contrário, era bem separado. Nos primeiros confrontos que o Jiu-jitsu teve para provar a sua eficiência como um esporte de luta independente foi exatamente contra o judô. Os Gracie lutaram muito com os judocas ele e seus alunos para provar que Jiu-jitsu Gracie ele já estava num nível de disputa real com a sua origem que é o próprio judô Jigoro Kano²⁹. Eu e meu irmão, meu pai em primeiro lugar fomos levados pelo meu pai a prática do judô através do próprio Murgel, Mestre Ricardo Murgel no Rio de Janeiro e o *Sensei* Hélcio Gama³⁰. Naquela época eu tinha dezessete anos de idade e pouca gente fazia judô e Jiu-jitsu. Mas os que faziam tinham sempre... Era engraçado por que quebrava aquele paradigma da diferença entre os esportes e o nome ele orbitava nos dois meios. Então você sempre ouvia falar do fulano que faz judô, faz Jiu-jitsu, está competindo judô. Nós começamos com essa história também eu e meu irmão vimos que havia num outro mundo interessantíssimo no judô que complementava totalmente o Jiu-jitsu, as nossas expectativas, nós éramos lutadores que gostávamos de lutar em pé, então, o judô veio nos ajudar nisso. Nossa escola, a primeira escola era Behring Judô e Jiu-jitsu, como tinham várias que eu conheço que já ofereciam até por que o Jiu-jitsu por momento se tornou um esporte polêmico para a prática de crianças. Então muitos pais se questionavam em colocar as crianças no Jiu-jitsu, então uma pessoa que tivesse na sua academia de judô e Jiu-jitsu tinha mais possibilidade de ter criança em sua academia do que alguém do Jiu-jitsu puro. Nós passamos esse momento difícil para o esporte.

A.A. – Sobre a participação de mulheres. Existia ou existem mulheres competindo Jiu-jitsu?

S.B. – Sempre existiu, mas de uma maneira mais velada no início. Acho que as mulheres faziam a parte de defesa pessoal, uma forma de chamar mais praticantes para o esporte era colocar mulher fazendo defesa pessoal e mostrar que a mulher poderia se defender de uma

²⁸ Oswaldo Fadda, mestre faixa vermelha em Jiu-jitsu (9º grau). Pioneiro a levar a “arte suave” para o subúrbio.

²⁹ Filósofo japonês criador do Judô.

³⁰ Professor de Judô.

agressão de um homem o que é totalmente verdade. Uma pessoa preparada se defende, tem condições de se defender de uma agressão, de algum ataque, lógico, com muito mais chance de sucesso do que alguém que não faz a prática da luta. As mulheres começaram realmente a lutar campeonatos e serem mais aceitas no tatame em termos de igualdade como hoje na década de 1980. No final da década de 1980 as mulheres já estavam com graduação de roxa, disputando campeonato, já havia um movimento feminino invadindo o esporte. Hoje nos temos grandes atletas, grandes campeãs, o esporte feminino de lutas está em alto nível.

S.B. – O senhor quer citar alguns nomes que despontam nesse cenário feminino?

A.A. – Tenho que citar o primeiro que vem na minha cabeça, foi nossa aluna a Rosângela Conceição³¹ que foi uma pessoa que migrou do judô. Na realidade ela ficou em duas escolas de Jiu-jitsu e fica dez anos no Jiu-jitsu. Depois foi Letícia Ribeiro³², Kyra Gracie³³, não posso deixar de citar a Janete Quadros³⁴. Acho que tem vários nomes hoje no cenário que eu não estou tão atualizado para dizer, mas esses nomes despontaram no início do esporte com esses nomes ai.

A.A. – Relate a metodologia empregada em sua escola.

S.B. – A metodologia é baseada no Sistema Progressivo de Jiu-jitsu³⁵. A nossa intenção é preservar a cultura do Jiu-jitsu como ela nos foi passada, então, a defesa pessoal é o nosso carro chefe. E o Sistema Progressivo ela preserva os fundamentos, os princípios da luta de uma forma progressiva facilitando a iniciação esportiva e a parceria entre os amigos. Os amigos eles fazem um trabalho de estímulo resposta, o progressivo a intenção é aproximação, o cara começa de longe para perto. Dando consciência para o aluno como se defender de situações em que ele está em desvantagem, no chão de alguém que está em pé e queira se aproximar e na parte de pé, na parte de defesa pessoal a gente passa exatamente

³¹ Rosângela Conceição, primeira mulher campeã mundial em Jiu-jitsu.

³² Letícia Ribeiro, cinco vezes campeã mundial em Jiu-jitsu.

³³ Kyra Gracie, cinco vezes campeã mundial, três vezes campeã Pan-Americana.

³⁴ Nome sujeito a confirmação.

³⁵ Método desenvolvido pelo Mestre Sylvio Behring.

a defesa pessoal do Mestre Hélio Gracie. No desportivo, na evolução natural do esporte segue o mais moderno que puder para estar sempre atualizado.

A.A. – Você teve participação em alguma etapa na preparação de atletas que foram para competições nacionais, continentais e internacionais? Fala um pouco também sobre os atletas do MMA³⁶.

S.B. – Eu participo da preparação de atletas de MMA de ponta, eu sou técnico de chão da Equipe da XGIM onde nós temos o Anderson Silva³⁷, o Rafael Feijão³⁸, o Ronaldo Jacaré³⁹, [PALAVRA INAUDÍVEL] Alan Nuguet⁴⁰, Paulo Thiago⁴¹, Marcelo Guimarães⁴², o Douglas Moura⁴³ que é nosso atleta faixa preta Behring em Jiu-jitsu. Esses atletas eu participo da preparação deles na parte de chão. Atletas de Jiu-jitsu diretamente eu não estou ligado a ninguém, hoje eu sou um supervisor de trabalho, eu supervisiono todas as academias ligadas dentro do meu sistema. Passo o ano inteiro viajando, a minha academia no Rio tem dois momentos no ano que eu estou lá para fazer um *camp* de um mês, são os meses que eu fico em casa direto, nos outros meses todos eu viajo. Tenho que viajar pelo menos cinco vezes, às vezes eu viajo até vinte dias em um mês. Mas eu visito todas as escolas sob a bandeira para certificar a evolução do trabalho, orientar o caminho a ser seguido e graduar os alunos. Eu tenho um trabalho através da graduação e a graduação ela que realmente dá a ideia da evolução de cada lugar. Aqui em Porto Alegre nós somos bem avançados, é uma fábrica de faixas pretas, cada visita são novos faixas pretas no tatame. Nós temos aqui cerca de vinte faixas pretas formados, quase todos eles dando aula, então é um mercado crescente, de uma oferta de qualidade de trabalho diferenciada, são professores formados em um sistema tradicionalista, mas altamente evoluído, avançado. A gente não está fora da realidade do esporte, estamos competindo, temos resultados expressivos, então eu estou muito satisfeito. Nós temos aqui no Rio Grande do Sul o professor Alexandre Fortis que lidera o grupo com o professor Rafael Azambuja⁴⁴, o

³⁶ Artes Marciais Mistas.

³⁷ Anderson Silva, lutador brasileiro de MMA.

³⁸ Rafael Cavalcante, lutador brasileiro de MMA.

³⁹ Ronaldo de Sousa dos Santos, lutador brasileiro de MMA.

⁴⁰ Alan Patrick, lutador brasileiro de MMA.

⁴¹ Paulo Thiago, lutador brasileiro de MMA.

⁴² Marcelo Guimarães, lutador brasileiro de MMA.

⁴³ Douglas Moura, faixa preta em Jiu-jitsu.

⁴⁴ Rafael Azambuja, faixa preta em Jiu-jitsu.

Gabriel Garin⁴⁵, [PALAVRA INAUDÍVEL], o Igor Domingues⁴⁶, Máximo Domingues⁴⁷, Marcos Rodão⁴⁸, Roberto Wosiack⁴⁹, os Irmãos Ferreira⁵⁰, lá em Tramandaí⁵¹ o Douglas⁵² e o Cássio⁵³, o Tales⁵⁴, o Pradinho, e vamos ai, o Gustavão⁵⁵. Diversos faixas pretas de altíssima qualidade dando aula aqui no sistema progressivo no Rio Grande do Sul. E só posso agradecer.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, em especial nas forças armadas e de segurança de outros países.

S.B. – Como professor eu comecei cedo, comecei com dezessete anos como monitor; de monitor fui para instrutor, de instrutor a professor. Em 2008 me formei Mestre, trabalho com segurança pública desde 1990. Quando comecei oportunamente a aceitar convites para dar aula aqui e ali, esporadicamente. No começo foi engraçado por que fui direto para o Exército, depois para a Força Militar, para alguns alunos que se tornaram policiais e hoje já dei aula no Exército Americano várias vezes, vários cursos. Tenho alunos lá dentro, no Exército Americano que são professores. Exército Brasileiro colaboro com o 4º Blog⁵⁶ no Rio Grande do Sul, aqui em Santa Maria que é um lugar que eu gosto muito de ir, a gente faz um trabalho muito bacana. A segurança privada, através da FORBIN⁵⁷, a gente tem o trabalho de GPCI que é o Gerenciamento Progressivo de Comportamento Inconveniente que foi uma outra metodologia de treinamento que a gente desenvolveu, foi uma ideia minha também, uma repaginação da defesa pessoal voltada para uma ação sempre dentro da legalidade, isso foi desenvolvido para a segurança privada, para o próprio aluno, para os alunos em geral. Sou instrutor de defesa pessoal policial da Academia de Polícia do Rio de Janeiro, então, isso foi um momento importante quando a polícia abriu para que não

⁴⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁰ Nome sujeito a confirmação.

⁵¹ Cidade litorânea do Rio Grande do Sul.

⁵² Nome sujeito a confirmação.

⁵³ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁶ Quarto Batalhão Logístico, Santa Maria-RS.

⁵⁷ Centro especializado em formação de profissionais de segurança privada.

policiais fizessem esse curso, eu estava lá e tive a oportunidade de fazer, eu sou instrutor na Academia de Polícia. Então a minha história é essa, eu faço segurança pública e privada, me considero hoje um colaborador dessas forças.

A.A. – Quais momentos e eventos da sua vida no Jiu-jitsu você destacaria?

S.B. – Em primeiro lugar, em 1988 quando nós fizemos o primeiro encontro de Jiu-jitsu, o primeiro desafio de Jiu-jitsu eu participei lutando, fiz uma excelente [TRECHO INAUDÍVEL] que eram grandes estrelas da época: Pascoal⁵⁸ hoje mora acho que é em Roraima ou Rondônia, não sei. Mas está lá para cima, acho que é Rondônia. Quando desenvolvi o Sistema Progressivo, quando desenvolvi o GPCI e então em 1996 eu tive a ideia de lançar o Black Belt de Surf⁵⁹. Foi uma ideia minha que era patrocinado pela Bad Boy⁶⁰ e o Campeonato Americano de Jiu-jitsu era no Havaí. Naquele momento eu achei que seria uma boa oportunidade para a Bad Boy ter todos os professores de Jiu-jitsu usando a sua camisa de lycra Bad Boy de graça num evento de surf e foi um sucesso e até hoje existe o Surf Fight. O surf e o Jiu-jitsu sempre ligados de alguma forma. Mas aproveitei bem aquele momento, foi um boa oportunidade de negocio que hoje em dia se tornou mais constante, acho que todo ano acontece, duas ou três eventos desse de Surf Challenge entre faixas pretas.

A.A. – Comentou sobre o surf. Você pratica surf ou outras modalidades?

S.B. – Surfo, também o judô fiz durante muito tempo, hoje não faço tanto mas gosto de fazer na minha academia com os meus alunos, o surf e o snowboard são os esportes que eu pratico, que eu gosto de fazer.

C.M. – Quando o senhor se tornou faixa preta?

S.B. – Em 1984, janeiro de 1984.

C.M. – E desde quando tem a rede de academias?

⁵⁸ Pascoal Duarte, faixa preta em Jiu-jitsu.

⁵⁹ Competição que reúne faixas pretas de Jiu-jitsu praticantes de surf.

S.B. – Isso aconteceu naturalmente em 1996 quando eu comecei a vir para cá para o Rio Grande do Sul.

C.M. – A primeira foi no Rio?

S.B. – A primeira foi no Rio, depois foi Rio Grande do Sul e depois eu fui para o Canadá, depois fui para os Estados Unidos. Hoje tem no Canadá, em Ontário, tem Toronto, Ajax e Sudbury. Em Manitoba tem Winnipeg e tem nas reservas indígenas que a gente está trabalhando com um projeto social na Fisrt Nation que em Wilson River uma outra que me foge o nome, província de Manitoba, província de Alberta nos temos [TRECHO INAUDÍVEL] Edson, Sherwood Park, mais algumas cidades ali em volta, Holden. No Brasil, nós temos no Rio de Janeiro três academias, em Belford Roxo, outra no Recreio de Bandeirantes, aqui no Rio Grande do Sul tem esse pessoal todo, são várias academias. Tem A Escola da Luta, Escola Jiu-jitsu, Azambuja Behring, Samurai, Ferreira Behring, Ilha Jiu-jitsu, João e sua equipe também, Gradin. No Paraná, tem em Ibaíti, Paraná Behring Jiu-jitsu, Behring lá em São Paulo que é em Santo André com o Professor Carlão Santos. Em Vila Velha, Espírito Santo com Iran Ferreira. Nos Estados Unidos a gente tem no Texas, em Abilene e Houston, no Colorado, em Fort Collins [TRECHO INAUDÍVEL]. Temos em Utah, em Sandy com o Mike Mosilho, mas quem comanda todo essa pessoal é o professor [PALAVRA INAUDÍVEL]. Em Montana tem Hamilton, ai tem vários faixas pretas, Brandon Housen, Mike Newls, Sean Peters, San Brown. [TRECHO INAUDÍVEL] depois em Washington, em Akman o Rich Garin. Quer dizer esse é o nosso time de faixas pretas pelo mundo, hoje eu posso dormir tranquilo que eu sei que o que eu ensinei está bem preservado com essas pessoas.

A.A. – Tem algo que nós não perguntamos e você gostaria de deixar registrado?

S.B. – Só que as oportunidades para deixar preservada a história elas não são só quando a gente conta historia. A gente tem que fazer a historia, tem que criar os momentos para que eles possam ser eternizados. O esporte é uma das grandes formas de fazer, de construir uma história. Mesmo não tendo a oportunidade de ser um grande campeão, você pode

⁶⁰ Multimarca americana que também trabalha com material esportivo.

ajudar alguém a se tornar um grande campeão e fazer realmente a história. Nem sempre a história, os grandes astros são aqueles que simplesmente aparecem, são aqueles que estão ali por trás, ajudando, dando apoio e essa é a grande parceria da luta. Nós que fazemos esse trabalho de formiguinha, construindo a nossa história todo o dia.

A.A. – Queria agradecer mais uma vez a sua disponibilidade professor.

S.B. – Obrigado você.

[FINAL DA ENTREVISTA]